



II Seminário Leitura de Imagens para a Educação: múltiplas mídias

UMA IMAGEM GROTESCA

Amanda C. Z. Nascimento
CEART – UDESC

Resumo:

A Leitura de Imagens é uma maneira de aproximar o leitor das obras de arte e das imagens estéticas, ou do cotidiano. Através dela é possível auxiliar o público, seja ele escolar, de graduação, leigos e pessoas em geral a passar de um nível a outro no que se refere à compreensão e apreensão de significados, ou efeitos de sentido. Esses níveis que vão do mais superficial ao mais profundo vão sendo alcançados gradualmente. A imagem apresentada nesse trabalho, por mim considerada grotesca, não é uma obra de arte, mas uma imagem presente no ambiente televisivo. Isso porque acredito ser necessário prestar mais atenção ao que nos rodeia, para sermos mais do que seres passivos diante da TV, e que possamos nos tornar senhores de nossas escolhas. Para a leitura, foi usado um modelo proposto por Sandra Ramalho (2006).

Palavras Chave: Leitura de Imagens, Semiótica Discursiva, Grotesco.

A leitura de imagens é uma ferramenta. E como toda ferramenta é necessário que se aprenda a utilizá-la antes, pois não nascemos com esse conhecimento. Porém, a leitura de imagens não é uma receita de bolo. Cada indivíduo pode adaptar os modelos disponíveis para torná-lo mais adequado ao tipo de imagem que se pretende ler. O modelo apresentado neste trabalho, também utilizado na pesquisa de minha dissertação em andamento, foi proposto originalmente na tese de doutorado (1998) da autora, Sandra Ramalho e Oliveira, e posteriormente publicado no livro “Imagem também se lê” de 2006. No livro o modelo é usado para ler desde vidros de perfume a

artesanatos em cerâmica passando por anúncios de caneta e obras de arte de artistas como Portinari e Matisse. Trata-se, então, de um modelo flexível e adaptável aos mais diversos tipos de texto. Assim, ele mostra-se apropriado para o presente trabalho.

O modelo de Ramalho (2006) propõe 7 (sete) etapas para a realização da leitura. Essas etapas são:

1. Escaneamento visual ou gráfico na busca da **estrutura básica** da composição podendo esta ser horizontal, vertical, diagonal, reta, curva, paralela, formada por figuras geométricas, regulares, irregulares, entre outros.

2. Desconstrução com destaque às linhas, elaborando **esquemas visuais**. Elaboração de contornos destacando as principais linhas e formas da imagem. Aqui o importante é fazer ressaltar as formas em detrimento das cores.

3. Redefinição dos **elementos básicos constitutivos**. Que podem ser: pontos, linhas, planos, formas, cores, texturas, dimensões, materiais. Além dos elementos constitutivos, existem também os elementos significantes, que são os recortes, a moldura, o suporte, entre outros, e estão no entorno da obra. Não estão NA obra, mas podem interferir na leitura. Tanto os elementos constitutivos quanto os significantes são específicos de cada texto.

4. Busca dos **procedimentos relacionais** entre os elementos constitutivos. Também específicos de cada imagem, eles podem ser destacados sempre em sua relação com seu oposto. Assim podemos exemplificar: repetição/contraste, complexidade/simplicidade, equilíbrio/desequilíbrio, dispersão/concentração, clareza/obscuridade, naturalidade/artificialidade, harmonia/desarmonia, nitidez/nebulosidade, ousadia/timidez, simetria/assimetria, regularidade/irregularidade, obviedade/sutileza, entre outros.

5. Realização de um incansável **trânsito entre elementos**, procedimentos, blocos de elementos, o todo e as partes, esquemas visuais e imagem. Na busca de esgotar as possibilidades de relações possíveis entre os diversos componentes da imagem. Aqui já se inicia o âmbito da significação lembrando que na Semiótica Discursiva são usados os termos: remete, alude,

lembra, sugere, provoca, entre outros, sempre num sentido mais amplo. Evitando-se o uso de termos fechados, herméticos, como significa e representa.

6. Reconstrução dos **efeitos de sentido**, com base nos procedimentos relacionais e em todas as possíveis relações. Buscando sempre novos efeitos de sentido. Esses efeitos são sempre específicos de cada texto, possuindo, necessariamente, um correspondente na obra. Além de específicos de cada imagem, serão também pessoais. Pois cada pessoa verá nos textos características e significações próprias a seu percurso de vida.

7. Dados de **identificação da obra** ou imagem contendo o maior número de informações disponível, como: autor, título da obra, data da criação, dimensão, mídia em que se apresenta, suporte, contexto, para citar os mais importantes. A identificação, quando possível, é feita no final da leitura para que os dados não interfiram na apreensão de significados por parte do leitor. Além disso, é feita no fim e caso possível, para não impossibilitar a leitura de imagens de origem desconhecida. Na Semiótica Discursiva, o contexto está dentro da obra. E essa deve ser lida de dentro para fora.

A imagem a ser lida nesse trabalho é essa:



Sem legenda por sugestão do modelo. Crédito no final do texto.

Começando a leitura pela estrutura básica, podemos perceber que a imagem possui um triângulo com a ponta para cima, mais ou menos no centro. Os triângulos normalmente sugerem tensão e conflito. Essa estrutura pode ser vista de outra maneira por outro leitor, assim, cada um verá o que mais chamar sua atenção.



Após a estrutura básica, buscamos os esquemas visuais. Eles são, como vimos, linhas e planos que destacam as formas. Essas formas são percebidas como planos de profundidade. Assim percebemos ao fundo um céu nebuloso e cinzento sobre uma paisagem distante composta por morros e por uma planície que se estende destes até o primeiro plano. Tanto o céu quanto a paisagem são indefinidos, de contorno impreciso. Remetem a algo que está entre opostos, seja o dia e a noite, a luz e a sombra, a alegria e a tristeza. Em segundo plano vemos oito abelhas que sobrevoam a personagem principal. Mas não são abelhas inocentes, abelhinhas de desenho animado fazendo o mel alegremente, têm aparência de moscas, de insetos prontos para picar. Lembram também aeronaves de guerra em posição de ataque. Em primeiro plano vemos uma menina de cabelos escuros e curtos na altura dos lábios. Sua expressão facial é lúgubre. Sua pele pálida lembra o tom de pele dos

mortos. Ela segura uma flor cor de rosa nas mãos em posição fúnebre e está envolta num “vestido” composto por abelhas.



Depois dos esquemas visuais inicia-se a busca pelos elementos constitutivos. Iniciando pelas cores podemos perceber que são em sua maioria tons pálidos e escuros. Cores claras são usadas apenas na parte central da imagem. A parte inferior é composta por uma massa quase toda indefinida e obscura. Manchas amarelo-esverdeadas aparecem na massa escura. Apenas sobre o corpo da menina é que se destacam as abelhas pretas e suas asas translúcidas. Os braços da menina, na parte horizontal central da imagem são de um tom de pele fúnebre. Na parte superior é possível ver um degradê de azul pálido indo para um rosa acinzentado com pequenas invasões escuras nos cantos da imagem. No centro, a pele clara e sem vida contrasta com o cabelo e com os pequenos olhos escuros. Sobre o rosto, um foco de luz apenas. O único ponto iluminado da imagem, quase toda sem luminosidade. Bem no centro do texto visual está localizada a flor cor de rosa, com seu caule verde e miolo amarelo. A parte interna da flor, próxima ao miolo é mais escura que as pontas das pétalas, de um rosa bem suave.



As linhas e formas são, em sua maioria, orgânicas e curvas, mas dão contorno as formas triangulares presentes em toda a imagem. As curvas remetem à mulher, ao feminino. Mas na imagem, essa feminilidade é triste. Não sensual. A menina tem um ar andrógino. Seu cabelo curto lhe tira a aparência de menina. Seu olhar é sério e triste. Não possui a inocência da infância, nem sua leveza e alegria características. Os triângulos formados pelas figuras na composição reforçam a triangularidade da estrutura básica e realçam a tensão, o conflito.



A textura é áspera ao fundo, dando a sensação de pinceladas espessas, e lisa sobre a personagem principal. Mas é uma textura visual e não tátil. Essa diferença de textura revela uma dualidade. A suavidade contra a aspereza.

Quanto à dimensão, essa informação é variável pois se trata de uma imagem digital, feita em Photoshop e por isso pode ser impressa em qualquer tamanho e também vista em telas de computador de formatos diferentes. Além do recurso do zoom.

O suporte também é variável. A imagem impressa pode estar numa parede de galeria de arte ou num livro de artista. Assim como em telas de computador. No caso da imagem usada neste trabalho, é uma imagem digital analisada na tela do computador.

Quanto aos procedimentos relacionais, podemos perceber a presença de difusão e indefinição no plano de fundo, assim como predomínio de obscuridade na parte inferior, clareza apenas na parte do rosto da personagem, palidez tanto na parte superior da imagem quanto na menina, contraste claro x escuro e nítido x desfocado, equilíbrio, concentração de elementos no centro da imagem, dispersão nas abelhas que voam ao redor da garota, harmonia, nitidez na menina e nebulosidade no fundo, simetria predominante, vertical x horizontal equilibrados. A presença do contraste é forte na imagem e ele aparece de diversas formas: nas texturas de fundo – áspera e da menina – lisa, no jogo de luz e sombra, na diferença de nitidez entre o fundo e a garota, nas

curvas que contrastam com as retas e triângulos. Esse contraste pode ser relacionado aos pares de opostos sugeridos pela imagem como morte e vida, luz e sombra, alegria e tristeza, céu e terra, Céu e Inferno.

No plano de conteúdo, ou seja, no campo da significação, de onde surgem os efeitos de sentido, pode-se dizer que a imagem remete à morte. O fundo, deserto, árido, sem vida, alude a um ambiente de penitência, um Purgatório, um Umbral. Nem Céu, nem Inferno. Região de sombras. A expressão da menina, seu tom de pele e posição das mãos lembra a maneira como são dispostos os mortos. Também a flor que ela segura lembra a decoração normalmente feita no caixão. A flor parece ser a figura mais viva na imagem. Abelhas normalmente sobrevoam flores em busca do pólen. Mas as abelhas da imagem não estão sobre a flor. Elas querem a menina. A cobrem e vestem. As abelhas, pousadas sobre ela me causam uma sensação de aflição. Me lembram de quando fui, aos 7 anos, atacada por um enxame inteiro. Assustada, fiquei imóvel embaixo do “cacho” depois que alguns meninos atiraram pedras na colméia, sendo picada por inúmeras abelhas. Até que chegou o socorro. Alérgica, por pouco não tive um choque anafilático. A associação da sensação de estranhamento com o episódio me faz lembrar de Freud quando este afirma que o estranho vem de complexos infantis reprimidos que voltam involuntariamente. O autor afirma: “uma experiência estranha ocorre quando os complexos infantis que haviam sido reprimidos revivem uma vez mais por meio de alguma impressão” (FREUD, 1919, p. 18). Freud afirma também que “quando o estranho se origina de complexos infantis, a questão da realidade material não surge; o seu lugar é tomado pela realidade psíquica. Implica numa repressão real de algum conteúdo de pensamento e num retorno desse conteúdo reprimido” (FREUD, 1919, p. 18).

Por essa razão, associei o Estranho de Freud ao Grotesco. Por causar um estranhamento que alheia o mundo. Tornando o limite entre o real e o irreal nebuloso. Nos levando a um estado de semiconsciência, entre a vigília e o sono. Assim também se pode considerar o surrealismo. Uma falta de limite entre real e imaginário. No movimento, defendia-se uma super-realidade alcançada pelo automatismo psíquico, que traz diretamente do pensamento as idéias, sem que essas sejam influenciadas pela razão, pela lógica, pela crítica.

No Primeiro Manifesto Surrealista, André Breton (1924) define o Surrealismo da seguinte forma: “Puro automatismo psíquico, pelo qual se pretende expressar, verbalmente ou por escrito, ou de qualquer outra maneira, o processo real de pensamento”. Também as visões oníricas habitavam as mentes surrealistas. Breton (1924) afirma: “o Surrealismo assenta numa convicção da realidade superior de certas formas de associação até agora negligenciadas, da onipotência do sonho, do jogo desinteressado do pensamento”.

Os triângulos inscritos na imagem revelam tensão. Uma tensão entre a vida e morte, entre o bem e o mal, já que o ambiente mostra-se como um lugar intermediário entre a Luz e as Trevas. Uma tensão entre opostos. Presente também no Grotresco. A horizontalidade do fundo parece aliviar parte dessa tensão. Mas ela continua ali.

As cores, pálidas, confirmam a aparência funesta da menina. Seu olhar sem vida sugere os antigos álbuns dos mortos, ou fotografias post mortem, antigas fotos feitas dos mortos, como se estivessem dormindo, numa alusão ao ‘descanso eterno’, ou em poses cotidianas, para que esses fossem recordados como quando vivos. Esses álbuns fúnebres eram muito comuns no século XIX.

Exemplos disso estão abaixo para mostrar a semelhança com a imagem estudada.



Imagens de autoria desconhecida disponíveis em
http://www.sobrenatural.org/materia/detalhar/6766/o_%C3%81bum_dos_mortos/

Podemos associar também à teoria do estranho freudiana o efeito que o medo do desconhecido traz em si, e que causa o temor da morte, pois esta é uma incógnita ao ser humano. Freud afirma: “Muitas pessoas experimentam a sensação (de estranhamento), em seu mais alto grau, em relação à morte e aos cadáveres, ao retorno dos mortos e a espíritos e fantasmas ... o primitivo medo da morte é ainda tão intenso dentro de nós e está sempre pronto a vir à superfície por qualquer provocação” (FREUD, 1919, p. 14). Citado por Freud, Otto Rank estuda o duplo e segundo o psicanalista austríaco Rank “penetrou nas ligações que o ‘duplo’ tem com reflexos em espelhos, com sombras, com os espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte” (FREUD, 1919, p. 10).

Vemos então que uma imagem aparentemente simples pode conter efeitos de sentido importantes e que estes, ao serem analisados, podem nos ajudar a entender as mais diversas reações que as pessoas têm diante de imagens do cotidiano assim como da arte contemporânea.

A imagem estudada é uma fotografia digital de autoria da artista norte-americana Maggie Taylor. Intitulada “Girl with a bee dress” (ou Menina com o vestido de abelhas), de 2004, ela é uma das imagens da artista que inspiraram a abertura da série “Ghost Whisperer”, apresentada no Brasil pelo Canal Sony.

Assim, vimos que uma imagem a princípio irrelevante como uma fotografia digital usada na abertura de uma série de TV pode conter inúmeros elementos que olhados com atenção podem nos remeter a diversos efeitos de sentido. Mostrando que cada imagem, qualquer imagem, é um texto visual esperando um leitor disposto a aprender uma das diversas maneiras que ela possui para ser lida. E assim, melhor compreendida.

Referências

FREUD, S. **O Estranho**, 1919. Arquivo eletrônico

KAYSER, W. **O Grotesco: configuração na pintura e na literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1957.

RAMALHO E OLIVEIRA, S. R. **Imagem também se lê**. São Paulo: Edições Rosari, 2005.

READ, H. **História da Pintura Moderna**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

BRETON, A. **Manifesto do Surrealismo**. Paris, 1924 (acessado em abril de 2008 no endereço eletrônico: http://www.robertexto.com/archivo5/breton_surr.htm/).

http://www.sobrenatural.org/materia/detalhar/6766/o_%C3%81lbum_dos_mortos/

<http://www.maggietaylor.com/>

Currículo resumido

Amanda Caroline Zavataro do Nascimento

É designer gráfica, graduada pela UNOPAR – Universidade do Norte do Paraná (2000). Pós-graduada em Marketing e Propaganda pela UEL – Universidade Estadual de Londrina (2001). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, sob orientação da Profa. Dra. Sandra Regina Ramalho e Oliveira.